

LEITURA: FERRAMENTA PARA A INTERPRETAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE¹

*READING: AN INTERPRETATION TOOL IN THE
POSTMODERN ERA*

Patrícia Pereira dos Santos² e Vera Elizabeth Prola Farias³

RESUMO

Neste trabalho, aborda-se uma breve contextualização e análise de pensadores sobre a pós-modernidade e a forma como atinge o sujeito pós-moderno, inserido de forma passiva num quadro social e com poucas possibilidades de leitura sobre a sua própria situação, dentro de um agrupamento maior: a sociedade. Para se chegar a reverter o quadro, faz-se necessário um trabalho com professores e mediadores, a fim de que a leitura chegue a todos e entre ela e o leitor não haja qualquer barreira que o impeça de ler e de, conseqüentemente, ver onde ele, como sujeito social, está engajado. Papel relevante exerce a escola junto aos seus alunos, que estão na iminência de desaprender a prática de leitura. Gráficos revelam índices de leitura no país e sugerem uma nova perspectiva na formação do novo homem na nova sociedade, homem conhecedor e forjador de história, homem integral, com personalidade firme em princípios e valores sólidos.

Palavras-chave: pós-modernidade, leitura, mediadores de leitura.

ABSTRACT

This work makes a brief contextualization and analysis of the postmodern thinkers and how culture reaches the subject, which is passively inserted in society and has few reading possibilities of his own situation. In order to reverse the situation, it is necessary to work with teachers and mediators so that there may not be any barrier between reader and reading and with this he may realize

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA. E-mail: letras.pat@gmail.com

³ Orientadora - UNIFRA. E-mail: vepfarias@bol.com.br

his place in society. School plays a major role with students, who are about to unlearn the practice of reading. Some graphs show reading scores in the country and suggest a new perspective on the formation of man in the new society, someone who may know and forge history, a whole man, with a firm personality on solid principles and values.

Keywords: *postmodern age, reading, reading mediators.*

INTRODUÇÃO

Vivemos num tempo que nos absorve em suas infinitas teorias, teorias dos mais diversos tipos. Somos capazes de buscar acima das nuvens ou nas profundezas do mar ou da terra explicações para as nossas curiosidades e, sem nos apercebermos, ficamos presos a objetos de nossa imaginação muitas vezes sobrecarregados de fantasia e, por isso mesmo, de impossibilidades. Não podemos viver só de ideias, mas precisamos delas como gênese de uma história; não vivemos apenas de ficções mas de realidades históricas. Mas, quem somos? Essa pergunta pode ser uma constante para nós, porque não estamos habituados a desvendar os acontecimentos que nos circundam e a nos construirmos em nossa integralidade, a partir do interior. Por isso mesmo, deixamos a poeira da pós-modernidade comungar conosco, pensar em nosso lugar, agir e decidir por nós.

Para refletirmos sobre a vida e seus acontecimentos, é de fundamental importância que encontremos um espaço em nossa agenda para momentos de leitura com o propósito de crescermos intelectualmente, pois é com base nisso que conseguiremos fazer as devidas ligações entre o real e o imaginário e, muitas vezes, descobrir que certas possibilidades que criamos em nossa fantasia não passam mesmo de fantasia. A sociedade necessita com urgência de leitores de fato, leitores que pensam, que raciocinam, que criticam.

O processo de leitura está intimamente ligado aos processos culturais que implicam classe social, etnia, idade, geração. Entretanto, ele requer continuidade, persistência, interesse pelo crescimento intelectual e conhecimento sobre o tema, como pressuposto para o desenvolvimento da cultura de um povo.

Um cidadão que não lê, mesmo que tenha sido alfabetizado, vive à margem do que lhe acontece, porque, talvez, o seu universo passivo lhe ofereça mais tranquilidade. Enquanto isso, outros fazem o que ele deve fazer, recebem o que é de direito seu, usam o que lhe pertence, riem de sua ignorância. O pouco envolvimento com a realidade nos torna a todos submissos a uma classe pensante

que nos domina porque, além de não sabermos ler textos, privamo-nos de aprender a ler contextos e de inserir-nos neles como participantes ativos.

A maioria das pessoas concorda que a leitura seja importante para o desenvolvimento de um povo, já que pensamos em progredir culturalmente, mas o incentivo e a prática de leitura ficam aquém do que deveriam, realmente, ser. Se no contexto ensino-aprendizagem, nossos alunos fossem inseridos em um programa de “iniciação e incentivo à leitura” adaptado à sua idade e realidade, num prazo mínimo de dois anos, provavelmente, eles queriam ler não só gibis ou frases, às vezes, sem sentido postadas no *facebook*, mas se interessariam por outras leituras e buscariam nelas a chave para abrir a porta que dá acesso a outros universos jamais vivenciados por eles, cujo caminho de regresso talvez não descobrissem mais.

Muitos professores e mediadores de leitura estão atentos a essa problemática, mas as iniciativas ainda deixam lacunas, pois para formar leitores, não basta apenas que o professor e o mediador se interessem, o aluno e a família devem querer e a sociedade deve apoiar.

Podemos perguntar-nos por que chegamos a essa situação: a de quase inexistência de hábitos efetivos de leitura. Será que temos uma resposta? Talvez uma delas seja nossa própria vida que mudou absurdamente desde alguns anos. Porém, essa virada não aconteceu do dia para a noite. Valores não se perdem por uma decisão imediata. Nós os perdemos por não os cultivarmos com assiduidade. Valores são como plantas que precisam de cultivo permanente para não morrerem. Assim, talvez, tenha acontecido com a leitura. Deixamos para amanhã, para depois de amanhã e quando nos apercebemos, diminuímos sempre mais o tempo que dedicávamos à leitura, até que a substituímos por outras atividades, por outros interesses que prenderam nossa atenção e nos fizeram deixar os livros só na estante.

O paradigma para tudo isso tem um nome: pós-modernidade. Os muitos avanços tecnológicos trouxeram benefícios imensos para a sociedade e para as instituições de ensino e mercado de trabalho. Por outro lado, tem-se a impressão de que os livros foram substituídos por muitas outras atrações que, muitas vezes, levam-nos a uma sobrecarga física e mental, que não nos permite mais ‘viajar’ no tempo e no espaço por meio da leitura de uma boa ficção. E, além disso, levam-nos a uma sobrecarga de trabalho que nos esgota, já que precisamos dar conta de todo este universo que se apresenta como ideal para uma nova forma de encarar a vida. Fomos colocados em uma prisão que se chama ‘novas tecnologias’. Elas nos permitem conhecer o mundo inteiro, viajar por outros países e ter “amigos” sem fim, para os quais deixamos recados rápidos nas redes sociais, por exemplo. Porém, todas as possibilidades que elas nos oferecem parecem fragmentadas, pois os ‘conhecimentos

e amizades' feitos através de um fio que nos liga ao mundo inteiro, nos tornam vazios, mas não leves; líquidos, mas não transparentes. A verdadeira leveza só se adquire por meio do esforço por chegarmos à harmonia das nossas faculdades física, psíquica e intelectual. A leitura é uma das grandes ferramentas para a transformação de uma sociedade em busca de melhores condições de educação e formação do ser humano integral, já que ela é o alicerce de todas as culturas e fundamento para todos os seguimentos. Uma sociedade com poucos leitores é uma sociedade em decadência. Por este motivo, pode-se afirmar que a prática de boas leituras é o que salvará a sociedade da revolução em que se encontra.

Nessa perspectiva, buscou-se reconhecer a importância da leitura para o desenvolvimento integral do sujeito como construtor de uma nova ordem social na pós-modernidade e apontar a prática de leitura como meio fundamental para a inserção do cidadão numa sociedade líquida, com a ajuda de mediadores de leitura. Para isso, fez-se necessário investigar a relevância da leitura para o desenvolvimento do cidadão; abordar teorias, aprofundá-las, analisá-las e comparar o pensamento e as práticas de diversos autores sobre a atividade com leitura, a fim de recolher-se teorias e propostas metodológicas sobre as questões que envolvem a leitura na escola, enfatizando e incentivando essas práticas na pós-modernidade.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

FRAGMENTAÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE: REPERCUSSÕES NA LEITURA

Muitos acontecimentos permitem-nos ver que estamos passando por um período de complexidades bastante intensas. Talvez haja pessoas que se perguntem por que o mundo chegou a esta situação de “armadilha da ambivalência” na qual, segundo Bauman (1999, p. 09), “somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas”. Talvez haja também pessoas preocupadas com os diversos fatos que nos envolvem cada vez mais fortemente, e de forma tão sutil que, muitas vezes, podem passar despercebidos. Mas o que nos falta se temos tudo o que queremos, se conhecemos o mundo inteiro via internet, se gastamos muitas vezes o dinheiro que não temos, apenas porque queremos possuir mais e mais e mais? Nessa perspectiva, Michèle Petit esclarece que

Hoje, é possível dizer que o mundo inteiro é um “espaço em crise”. Uma crise se estabelece de fato quando transformações

de caráter brutal - mesmo se preparadas há tempos -, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, social e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente bastante distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem (PETIT, 2009, p. 20-21).

“A aceleração das transformações” vulnerabilizou homens, mulheres e crianças. Com essa afirmação, a autora toca o eixo da problemática do novo mundo desejado por inúmeras pessoas. Porém, o que não se esperava era que essas transformações trouxessem uma série de consequências não muito benéficas para a educação, para a política, para a economia, para o mercado de trabalho e, por isso, também que atingissem diretamente o núcleo mais importante que sustenta todos os demais: a família. Para Fernandez (2002)

A sociedade perdeu praticamente e abandonou totalmente o seu centro de gravidade. O que constatamos não é, apenas, um simples desequilíbrio: podemos comparar a humanidade actual com um ébrio que se encontra à beira dum precipício: já não consegue segurar-se e está quase a despenhar-se no abismo do nada. Esta é a nossa situação. Imagine-se uma bola de neve que se desprende do cume dos Alpes: começa por deslizar suavemente até que se converte subitamente numa avalanche estrondosa que arrasa e destrói tudo. Esta imagem reproduz a nossa situação actual. A este desequilíbrio estão associadas a imensa falta de consistência interior, o desenraizamento e a falta de acolhimento do homem contemporâneo (FERNANDEZ, 2002, p. 14).

A falta de consistência interior provém da busca incessante de respostas para as interrogações que toda pessoa tem. Transita-se de um lado para o outro sem muita definição, sem segurança, sem rumo e, por isso mesmo, sem encontrar as respostas esperadas. Cai-se em uma alienação dos pensamentos, dos sentimentos e da linguagem permitindo-se vaguear por todos os universos e experimentar todas as ofertas ilusórias

que provocam encantamento. Justamente por não se ter encontrado uma razão mais profunda para permanecer com ambos os pés no chão, entra-se, muitas vezes inocentemente, em um caminho de mil possibilidades, nenhuma delas, entretanto, firmada em solo seguro. Em que devemos firmar-nos se quisermos atravessar este tempo pós-moderno com o entendimento correto dos acontecimentos? Calvino (1990, p. 73) considera que há uma “inconsistência [...] no próprio mundo” e afirma que

o vírus ataca a vida das pessoas e a história das nações, torna todas as histórias informes, fortuitas, confusas, sem princípio nem fim. Meu mal-estar advém da perda de forma que constato na vida, à qual procuro opor a única defesa que consigo imaginar: uma ideia da literatura (CALVINO, 1990, p. 73).

Para o autor, a ideia da literatura é o esteio ao qual devemos aliar nossas esperanças a fim de contribuirmos, efetivamente, para uma mudança em todos os setores socioculturais dos quais participamos. Apoiando-nos nela, reflexivamente, poderemos chegar a inferências embasadas em outras leituras. Manguel (apud MASINA, 2005, p.11,12) ressalta que “ler é decifrar o mundo, e a leitura [...] é instrumento de preservação da memória e, portanto, de agregação social”. Entendida assim, como um suporte essencial para a edificação de uma nova sociedade, serão muitos os que buscarão nela uma possibilidade de se tornarem partícipes, e não apenas ouvintes, na escritura das narrativas que cada um escreve com as suas próprias leituras, já que nos textos encontram-se muitos espaços para as interpretações do leitor, como comenta Eco (2004)

o texto está [...] entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e quem o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões: porque um texto [...] vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu. [...] o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar.

[...] um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa (ECO, 2004, p. 37).

Isso não se refere apenas a textos escritos. Podem ser imagens, pinturas, gráficos, e outros códigos que surgem ao longo da trajetória humana e que

devem ser interpretados, pois todos pertencem ao universo da linguagem. Porém, considerando leitura como sinônimo de interpretação, há que se entender que, para se chegar a inferências mais próximas possíveis dos contextos circundantes, é necessário treinamento e esse se dá, impreterivelmente, pela leitura. Não somente os que aspiram alcançar um excelente desempenho em sua produção cultural, na técnica, na ciência, na filosofia e na arte literária, porém todos os que querem inserir-se no mercado, já que, como compreende Lajolo (2004, p. 106), “a própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega, por vezes, a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela [...]” porque em todos os âmbitos da sociedade moderna é a linguagem escrita que prevalece como código oficial.

O ato de ler, no entanto, perdeu espaço em muitos círculos da sociedade pós-moderna, que considera moderno não “perder tempo” com leitura, pois ler exige esforço intelectual, entrega emocional, afetiva, relações entre o “eu” e o “outro”, confronto consigo próprio e com os acontecimentos, ou seja, ler provoca certa desconforto do estado no qual muitos se encontram. Há poucos, dentre um número razoável de leitores, que fazem da leitura um recurso para a aceleração das transformações. Esses são os mais distintos porque usam a leitura como ferramenta para perceber, através dos acontecimentos, que eles podem contribuir para mudar o curso da história. Foi exatamente este caminho que percorreram as grandes personalidades que influenciaram a história universal. Qualquer que tenham sido seus processos de leitura, o que fica evidente é que, de alguma forma, leram, se não livros, mas fatos. Schollhammer, ao citar Barthes, afirma que

[...] o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (BARTHES, apud SCHOLLHAMMER, 2011, p. 09-10).

Pode afirmar-se que as narrativas contemporâneas são um reflexo desse estado de inconsistência interior. Elas surgem ante os leitores de hoje de uma forma muito sutil; são de difícil compreensão para quem não está habituado a complexidade do texto contemporâneo. Sua escritura complexa evidencia-se por não nos permitir perceber inteiramente, em um primeiro momento, o que o autor quer explicitar. Elas são exatamente o que esclarece Ítalo Calvino (1990, p.15) sobre si próprio enquanto escritor: “Quando iniciei minha atividade literária, o dever de representar nossa época era um imperativo categórico para todo jovem escritor”. Assim como Calvino, outros escritores tornam suas narrativas um produto simbólico dos acontecimentos da vida, como se nota em “A máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe, “Estorvo”, de Chico Buarque de Hollanda, “O invasor”, de Marçal de Aquino, “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato, “A arte de produzir efeito sem causa”, de Lourenço Mutarelli, só para citar alguns.

O que se lê em narrativas como as supracitadas é uma representação da crise mencionada por Petit (2009) neste espaço que poderia ser de assimilação do real, dos acontecimentos que preferimos não ver, porque não estamos devidamente preparados para lidar com a crise como um fato exterior a nós, e, por isso, autorizamos ‘entrada franca’ em nossa vida, em nosso trabalho, em nosso estudo, no lazer, nas amizades e em tudo o que nos diz respeito. Ao contrário da postura que é assumida por muitas pessoas frente aos desafios da pós-modernidade, deveríamos estar como autores e não atores na encenação deste enredo líquido que narra a história universal. Porém, para que isso aconteça é necessário que queiramos permanecer na plateia. O autor/leitor, entretanto, só consegue permanecer na plateia, como sujeito atuante e interventivo se, e somente se, conhecendo-se a si próprio, as suas tendências, potencialidades e fragilidades, analisar a situação e o contexto no qual vive com o objetivo de encontrar meios que o levem a resistir às adversidades que surgem em todos os âmbitos sócio-educativo-cultural. Para isso, é importante que, quanto mais interpretar o que o circunda, quanto mais avançar em conhecimentos exteriores e em pesquisas que são, sim, relevantes para o desenvolvimento intelectual, tanto mais progrida no conhecimento do espaço mais importante e do qual partem todas as correntes que influenciam a história universal. Para Kantenich

A tendência de pesquisar e conquistar impulsiona sempre mais para frente. [...] Penetramos os continentes desconhecidos, iluminamos nosso esqueleto com novos raios; o telescópio e o microscópio desvendam diariamente novos mundos.

Porém, apesar de tudo, há um mundo sempre antigo e sempre

novo – o microcosmo – o mundo no pequeno, nosso próprio mundo interior que permanece ignorado e desconhecido. Não há métodos, ou ao menos novos métodos que possam iluminar a alma humana (KENTENICH, 1974, p. 16).

Quando Kentenich se refere “a iluminar a alma humana”, elucida não necessariamente um discurso religioso, porém um discurso de formação da personalidade integral. Como professor, estabeleceu, a seu tempo, um trabalho com leitura de diversos autores que viabilizasse aos seus educandos as relações interpessoais e o conhecimento de mundo, a partir do qual se pode agir em benefício da nova ordem social. Por meio da leitura, eles, sobretudo os mais reservados, podiam entrosar-se com os demais e perceber que, para a edificação de uma sociedade melhor, é necessário sair do individualismo que não permite colaborar para o desenvolvimento do todo.

Exatamente cem anos depois, deparamo-nos com a luta entre as alternativas que nos levam a construir um novo mundo e as que sufocam nossos esforços e ofuscam as iniciativas dos ousados. Entretanto, isso não nos deve intimidar frente aos desafios que nos cercam, mesmo que certa “cegueira branca” (SARAMAGO, 1995) com seu excesso de luzes, - e no contexto atual, com seu excesso de razão, de progresso, de tecnologias - tenha tomado conta de muitos dos nossos pares nesta tentativa de iluminar a alma humana por meio da leitura, que nos desinstala do nosso comodismo e nos faz perceber esses desafios e refletir sobre eles com perspectivas de vislumbrar, apesar de inseridos na corrente pós-moderna, a luz no fim do túnel. Podemos perguntar-nos, já que não vemos ainda essa luz, se é ruim vivermos num mundo pós-moderno. Não precisamos crer que seja ruim, porque, querendo ou não, estamos nesta realidade. Porém, numa modernidade líquida, na qual se desfazem todos os laços humanos e impera o egocentrismo, apesar de todas as amizades virtuais, podemos indagar-nos se nos tornamos, de fato, mais sensíveis ou mais desumanos; numa sociedade que estabelece uma ‘aliança com a máquina’, podemos questionar-nos se nos tornamos de fato mais leves ou mais densos. Bauman (2001, p. 12) afirma que “o ‘derretimento dos sólidos’, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo”. Já que os sólidos estão se tornando líquidos numa modernidade fluida, como as instituições de valor serão mantidas? As ‘categorias zumbi’ e ‘instituições zumbi’, a que se refere, parafraseando Ulrich Beck (1999), estão destituídas de plena autoridade frente aos desafios dos novos tempos. Essas instituições, que podemos chamar de família, escola e sociedade, estão ‘mortas e ainda vivas’. E por que ainda estão vivas? Porque enquanto houver

esperança, mesmo contando com a fragilidade dos laços que nos comprometem, com a rapidez com que nossas palavras se desfazem perante a geração que nos sucede, há quem acredite que, apesar de não podermos retroceder, devemos sustentar, renovar e (re)organizar as tais instituições denominadas zumbi, como as células mais importantes para a edificação e educação de uma nova sociedade, apesar de líquida, comprometida e responsável, apesar de leve.

Será que os povos mais desenvolvidos estão maduros e são capazes de utilizar devidamente os enormes progressos alcançados nos últimos tempos, nos mais diversos setores? Não é verdade que nosso tempo está ainda mais escravizado às suas conquistas? Realmente. O domínio sobre os poderes e forças da natureza externa não andou paralelamente à sujeição das tendências mais elementares e instintivas aninhadas em nosso próprio peito. Essa divergência alarmante, esse abismo imenso torna-se cada vez mais profundo. Colocar-nos-á diante do fantasma da questão social, diante da falência da sociedade, se omitirmos o empenho por sua reforma. E em vez de dominarmos nossas conquistas, tornar-nos-emos suas vítimas, como também escravos de nossas paixões.

Não há alternativas! Ou avançamos ou retrocedemos. Retrocedamos! Então teremos que remontar à Idade Média, arrancar os trilhos [...] rejeitar a eletricidade, devolver o carvão às minas, fechar as universidades! Não. Jamais consentiremos em tal atitude! Isto não nos é permitido. Nunca haveremos de agir desta forma.

Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas de nosso mundo interior, através da autoeducação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais aprofundamento interior. Este é o brado, a senha difundida por toda a parte [...]. No futuro não nos deixaremos suplantar por nossos conhecimentos, mas nós os dominaremos. Não haverá de acontecer que dominemos diversas línguas estrangeiras, impostas pelo programa escolar e permaneçamos grandes ignorantes no conhecimento e compreensão na linguagem do coração (KENTENICH, 1974, p. 16-17).

Constatamos que, de fato, chegamos ao tempo de uma nova escravidão. Tornamo-nos vítimas das nossas conquistas e escravos das nossas paixões, enquanto deveríamos ser educadores de uma nova personalidade, pois nossos educandos

esperam ver esse ideal encarnado no educador, a fim de que nele possam espelhar-se. Para podermos atuar na educação, é preciso que caminhemos lado a lado com nosso educando, assim como, para formarmos leitores, é fundamental que nós próprios sejamos ou queiramos ser, efetivamente, excelentes leitores. Kentenich (apud SCHLICKMANN, 2012, p. 53) afirma que “a educação só resulta na medida em que conseguir motivar à autoeducação”. E esta é um dever perpétuo para o educador e para o educando. O educador, porém, não deve visar a si próprio e ao seu interesse de ser um mestre de sucesso. Seu foco é e deve ser educar-se a fim de atuar positivamente na formação do educando.

Como educadores, devemos ir ao encontro das necessidades dos nossos educandos, dos nossos interlocutores e, tanto quanto for permitido, fazer todas as leituras possíveis dos acontecimentos, ajudando-os a ler também o que não está escrito e o que ainda nos não foi dito. Mas também queremos com eles, cada leitura, cada encontro, um novo aprendizado, assim como aplicava Kentenich com seus educandos: “Queremos aprender. Não somente vós, eu também. Aprenderemos uns com os outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa vida” (KENTENICH, 1974, p. 15).

Voltar ao tempo, como que querendo acabar com o que foi construído até agora, mesmo que muitos resultados não sejam os melhores, não podemos, porque não estamos preparados para uma transformação tão radical. Voltar à origem do mundo também não podemos, porque estaríamos querendo camuflar nossos erros e omissões. O que faremos, então? Uma releitura dos acontecimentos para deles extrairmos soluções. De que forma se pode ler e reler os acontecimentos que influenciam a história neste momento? Os fatos consolidados surgem primeiro dentro de nós, são uma ideia que tornamos conhecida e convincente e que repercute em outros círculos. Se partirmos, pois, do autoconhecimento, da releitura de nossas próprias ideias e da influência que exercemos na escola, no trabalho, na família, entre os amigos; se retermos as nuances do nosso caráter e buscarmos conhecer e exteriorizar todas as nossas habilidades, poderemos recriar a história. Porém, a leitura do micro e do macrocosmo só se dará, efetivamente, se primeiro, lermos algo que nos interesse e nos desperte para a urgente leitura de mundo. Há certa reciprocidade e cumplicidade entre literatura e leitor, pois ao mesmo tempo que os autores escrevem sobre as suas constatações de um tempo real para uma ficção, o leitor, parte da ficção para compreender o real. Anwandter (2004) afirma que

A literatura, os literatos e os escritores têm a capacidade de captar a alma humana, os problemas de cada época;

eles nos ajudam a conhecer os problemas do homem e da sociedade. Uma sociedade não tem apenas necessidade de comer e de produzir; tem que viver e viver humanamente. Os problemas da humanidade, das pessoas, das famílias, se refletem na literatura (ANWANDTER, 2004, p. 72).

Precisamos levantar da cadeira bamba na qual ‘fomos sentados’, pois se dela não levantarmos espontaneamente, poderemos cair a qualquer momento. Tudo em nós e à nossa volta tornou-se frágil, mas não necessariamente leve. Temos acesso rápido a muitas informações, mas a formação tornou-se superficial. Podemos conectar-nos ao mundo inteiro com um clique, mas não estamos em sintonia conosco e nossos processos subjetivos. As pessoas nascem, desenvolvem-se, morrem e nós quase não acompanhamos essas passagens importantes da vida. Será que nos tornamos insensíveis a elas? Será que nos tornamos tão modernos, tão “pós” que consideramos o “outro” insignificante? E tão leves que cabemos dentro de nós próprios? Acontece conosco a instrumentalização como as “técnicas que permitem que o sistema e os agentes livres se mantenham radicalmente desengajados e que se desencontrem em vez de encontrar-se” (BAUMAN, 2001, p. 12). Se não nos encontrarmos a nós próprios e ao “outro”, se não olharmos para ele como próximo de nós, mesmo que diferente, e como nosso colaborador direto no processo de reconstrução de valores que tornem a sociedade reflexo do sistema educativo, poderemos continuar a designar a família, a escola e a própria sociedade como instituições zumbi, mortas e ainda vivas.

Para quem aspira a ver uma transformação no curso da história “seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluida’ produziu na condição humana” (BAUMAN, 2001, p. 15). Como chegar a ela, já que passamos de uma modernidade pesada, a era do *hardware*, para uma modernidade líquida, a do *software*? O único caminho que vislumbramos, enquanto professores, é voltarmos a ter uma educação sólida, não necessariamente a da era do *hardware*. O que deveríamos buscar com nossos alunos, mesmo com toda a sedução da leveza do ser, é a reconquista de valores que nos ajudem a caracterizarmos a educação como uma das grandes prioridades de nossa existência, como campo de reconhecimento e respeito das diferenças. O que parece acontecer é que “o tempo instantâneo e sem substância do mundo do *software* é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse” (BAUMAN, 2001, p. 137). Ou seja, assim como planejamos, temos liberdade de executar ou não. Vale recordar que essa liberdade atinge diretamente

nossos alunos, que estão sob nossa responsabilidade na escola. Aqui pode-se destacar os Parâmetros Curriculares Nacionais, que oferecem uma proposta educacional sólida para instituições e receptores líquidos. Será que não está na hora de torná-los receptores receptivos de valores educativos como um todo?

Nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio encontram-se indicações para a formação do leitor, com enfoque no leitor de literatura do ensino fundamental ao ensino médio. As *Orientações* destacam que “configurada como bem simbólico de que se deve apropriar, a Literatura como conteúdo curricular ganha contornos distintos conforme o nível de escolaridade dos leitores em formação [...]” (BRASIL, 2006, p. 61). Desta forma, entende-se que é necessário dar o devido lugar à literatura na escola, a fim de que, apesar de o público querer outras leituras, entenda o discurso literário como base para conexões com diversos discursos que lhe serão apresentados oportunamente. Para isso, é necessário

[...] recuperar a dimensão formativa do leitor, em processo iniciado no ensino fundamental, que, no ensino médio, se perde em objetivos pragmáticos, formulados, sobretudo, nos manuais didáticos, que, mais para o mal que para o bem, vêm tradicionalmente cumprindo o papel de referência curricular para esse nível da escolaridade. Acreditamos que os manuais didáticos poderão, a médio prazo, apoiar mais satisfatoriamente a formação do leitor da Literatura rumo à sua autonomia. Se isso ocorrer, os livros didáticos deverão manifestar sua própria insuficiência como material propício para a formação plena de leitores autônomos da Literatura, ao incluir, nas suas propostas didáticas, a insubstituível leitura de livros. A lacuna no contato direto com a Literatura percebida no ensino médio leva a considerações sobre as escolhas, já que os três anos da escolaridade e a carga horária da disciplina demandam uma seleção que permita uma formação o mais significativa possível para os alunos. Os professores devem contar com [...] estratégias orientadoras dos procedimentos, guiando-se, por exemplo, por sua própria formação como leitor de obras de referência das literaturas em língua portuguesa, selecionando aquelas cuja leitura deseja partilhar com os alunos.

A leitura integral da obra literária – obra que se constrói como superação do caos – passaria, então, a atingir o caráter humanizador que antes os deslocamentos que a evitavam

não permitiam atingir (BRASIL, 2006, p. 64-65).

Se o aluno que chega à escola não tem formação leitora, espera-se que a receba ali. Para isso, o professor, não apenas o de literatura deveria ser o leitor que o aluno espera encontrar, mesmo que para ele não exista a definição de leitor. O aluno deve ver no educador o protótipo de todos os seus objetivos, para que ele configure a sua vida, a sua formação de modo claro, tendo por espelho seu mestre. Se os pais não puderem auxiliar o filho nesta trajetória, o professor, na escola, precisa estar apto para tal tarefa. Esse é um desafio imenso para professores, alunos e família. Se, no entanto, esse tripé estiver indissolúvelmente unido num objetivo comum, a responsabilidade de educar e formar leitores não será entendida como dever apenas da instituição Escola, uma vez que, essas práticas deveriam começar em casa. Não se pode negar que a escola tem, sim, um papel fundamental a exercer com relação aos alunos, como apontam as *Orientações*, entretanto, ela não formará um leitor sequer, sozinha:

E na escola? Que leitor formar? Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação logo pensará que compete à escola formar leitores críticos, e esse tem sido, efetivamente, o objetivo perseguido nas práticas escolares, amparadas pelos discursos dos teóricos da linguagem e pelos documentos oficiais nas últimas décadas. Formar para o gosto literário, conhecer a tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras – tradicionalmente objetivos da escola em relação à literatura – decerto supõem percorrer o arco que vai do leitor vítima ao leitor crítico. Tais objetivos são, portanto, inteiramente pertinentes e inquestionáveis, mas questionados devem ser os métodos que têm sido utilizados para esses fins (BRASIL, 2006, p. 69).

Se os métodos são questionáveis, ocorre aqui um fenômeno a que podemos dar o nome de falta de incentivo à leitura. Se não há o número de leitores que deveria haver em um país como o nosso, de uma extensão de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, é porque ficaram lacunas desde o momento em que se concebeu a educação como um privilégio de poucos e a submissão como a sorte das massas.

Para minimizar o quadro, surgem medidas emergenciais que querem resolver uma questão secular que constitui nossa história e que, quer queiramos

ou não, talvez dure mais alguns séculos para ser resolvida. Se a educação, com foco na formação de leitores, não for, efetivamente, a prioridade de todos os que passaram pelos “bancos escolares” sejam eles quem forem hoje, é melhor mesmo que, parafraseando Kentenich (1974), desativemos As minas de carvão e fechemos as universidades. “Avançemos!”, afirma ele, e usemos todos os recursos que são disponibilizados para alcançarmos nossos objetivos.

Sabe-se que há pessoas interessadas em melhorar a formação leitora em nosso país, mas os resultados ainda não são os esperados. O site www.educarparacrescer.abril.com.br aponta para o quadro de leitores no Brasil (2012) e enfatiza que o brasileiro lê aproximadamente 4 livros por ano e, destes, termina apenas dois. É o que divulgou a terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* de 29 de março de 2012, encomendada pelo Instituto Pró-Livro. Este número é menor do que o apresentado pela edição anterior da pesquisa, realizada em 2007, quando se constatou que eram lidos, em média 4,7 livros por ano. A jornalista do Jornal do Campus da Universidade de São Paulo, Beatriz Montesanti, divulgou que, entre junho e julho de 2011, a pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência verificou que o índice de leitores no Brasil caiu. O percentual de leitores com idade a partir de cinco anos, em 2007, era de 55% (aproximadamente 95,6 milhões) e passou para 50% (88,2 milhões). Isso significa que o processo de desenvolvimento e formação de leitores não foi uma prioridade na educação como deveria ter sido. A estatística aponta ainda que, dentre os livros mais procurados, encontra-se a Bíblia e, em segundo plano, os livros didáticos, romances, livros religiosos, contos e literatura infantil.

É interessante perceber que esses dados apontam para o Nordeste do país como a região de maior penetração dos livros (51%). O IBOPE justifica este evento pelo aumento do número de estudantes. Em contrapartida, o Centro-Oeste tem a melhor média de livros lidos por pessoa, com 2,12 exemplares. A atuação do professor e das escolas no incentivo à leitura melhorou 45%, comparada à pesquisa de 2007. Aí aparecem também os pais, grandes mestres, como os principais incentivadores (43%).

Já que a leitura é um costume que deve ser adquirido, acredita-se que a melhor forma para isso é a leitura de ficção, em virtude do interesse imediato e do poder criador que suscita, pois o texto literário atinge diretamente a imaginação e a sensibilidade. Justamente por ela não ter compromisso com a realidade, o leitor torna-se capaz de reescrevê-la e recontá-la, de a partir dela se tornar um formador de novos leitores.

Marisa Lajolo enfatiza que

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que

se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do voo das arribações que indicam a seca - como sabe quem lê *Vidas Secas* de Graciliano Ramos - independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros.

Como entre tais coisas e tais outros incluem-se também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola (LAJOLO, 2004, p. 7).

Em seus trabalhos com mediadores de leitura, Michèle Petit (2008) aponta para a transmissão do amor pela leitura como um desafio para o professor. E de fato é. Em uma de suas investigações encontrou casos de “jovens que não sentiam carinho pela escola e que frequentemente contavam que a escola os havia desestimulado a ler, porque se tornara uma obrigação; tinham que dissecar os textos” (...) (PETIT, 2008, p. 154). Para ela, “o efeito da escola sobre o gosto pela leitura é muitas vezes complexo” (PETIT, p. 154). A fim de exemplificar o que acredita, conta o exemplo da jovem Bopha que adquiriu o gosto pela leitura na escola:

Lembro-me muito bem como foi que tomei gosto pela leitura: apresentando um livro a meus colegas de classe (tinha uns onze anos). Escolhi *Ratos e homens*, de Steinbeck. [...] Esse livro me marcou muito, e a partir dele comecei realmente a ler outras coisas, a ler livros sem figuras, a ler autores. Comecei a frequentar bibliotecas, acompanhando minha irmã, para ver os livros, folhear, olhar.

Porém, aconteceu com Bopha o que, certamente, acontece com muitos jovens: começou a perder o gosto pela leitura quando ingressou no ensino médio, na França, aos 15 anos. Para ela, nesse período surge aversão pela leitura pelo fato de ter muitos trabalhos escolares para fazer e sentir-se sobrecarregada, sobretudo

porque as leituras exigidas não são tão prazerosas quanto a ficcional e exigem muita concentração.

O psicanalista Bruno Bettelheim (apud PETIT, 2008, p. 155) assinala que “para sentir muita vontade de ler uma criança não precisa saber que a leitura lhe seria útil mais tarde”. Ela deve ser persuadida de que a leitura lhe mostrará um leque de possibilidades extraordinárias e contribuirá para que compreenda o mundo e domine seu futuro. A criança precisa perceber que na literatura encontra-se uma “arte mágica” que lhe revelará mistérios até então ocultos.

É nessa fase da vida da criança que podem ser despertados o interesse pela leitura e todos os valores que a ela estão agregados. Caso contrário, quando jovens, ao chegarem ao ensino médio e, mais tarde, ao ensino superior, precisarão recuperar todas as leituras que deviam ter sido feitas e não foram. Se pensarmos numa perspectiva de que este é o caminho para que a transformação da sociedade, efetivamente, aconteça, todos quererão ler, embora devam reconhecer que nem todos os textos ou livros, manuais, revistas, se adequam às suas concepções de vida e de mundo. Apesar disso, acreditamos que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 2004, p. 15).

Queremos proporcionar esta aventura aos nossos alunos e amigos e, para isso, a escola conta com o apoio do Ministério da Educação e Cultura, que orienta o trabalho com literatura no Ensino Médio:

O estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário. Essas escolhas ligam-se não só às preferências pessoais, mas a exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola (BRASIL, 2006, p. 72).

Michèle Petit (2009) aponta para uma questão importante que também nos orienta nas nossas atividades com leitura. Suas experiências com mediadores em diversas partes do mundo fazem-nos olhar para uma possibilidade que, de certa forma, até há pouco tempo não tínhamos percebido. Sua concepção de leitura,

adequada para qualquer situação, indica-nos que, de fato, a leitura transforma, muda conceitos, muda rumos, muda vidas. A leitura nos permite olhar para o microcosmo, citado por Kantenich (1974), e ver que o macrocosmo precisa de sujeitos, cujas concepções de mundo sejam sadias e capazes de realizar ações transformadoras. Para a antropóloga

Os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria: nesses contextos difíceis, encontrei leitores felizes. Viviam em um ambiente pouco habituado à felicidade. Seus olhares eram às vezes bastante sofridos. E, no entanto, souberam fazer uso de textos ou fragmentos de textos, ou ainda de imagens, para desviar sensivelmente o curso de suas vidas e pensar as suas relações com o mundo (PETIT, 2009, p. 33-34).

Nesse fragmento, Petit refere-se justamente a pessoas que estão sofrendo, por diversos motivos, e que, por meio da leitura como um elemento fundamental de crescimento interior, são ajudadas a superar suas dificuldades. Com uma visão humanista da situação, ela se coloca à disposição para servir a vida e a sociedade usando uma das pilstras essenciais para a constituição de um mundo novo:

[...] As leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora (PETIT, 2009, p. 32).

Queremos ser leitores, todos nós. Mas, leitores de fato! Não basta lermos notícias ou artigos que nos auxiliem em nossos trabalhos. É necessário também que mergulhemos na ficção, para suavizarmos a dureza da pós-modernidade que, muitas vezes, nos aborrece. Entrar no universo ficcional, na literatura, faz-nos recuperar a sensibilidade pelas artes e viajar por um mundo novo que ainda não conhecemos, mas que, a partir de então, passa a ser também nosso, como acontece

quando lemos “Flicts” (ZIRALDO, 1987). Quem um dia não se sentiu um pouco Flicts? Quem sabe, em nossa sociedade, haja muitos Flicts que precisem de um amigo, de um amigo livro, com o qual possam conversar e empreender viagens pelo mundo extraordinariamente belo que há em todos nós.

COMO RESISTIR À ADVERSIDADE

Fernandez (2002) analisa a sociedade atual em sua realidade mais fria e compara-a a uma bola de neve que se desprende do cume dos Alpes. Ao desprender-se, a bola de neve, então pequena, desliza aumentando, estrondosamente, de tamanho, destruindo o que está na planície. Assim encontra-se a sociedade que rolou como a “neve dos Alpes” e, a não ser que derreta totalmente e se empenhe para um novo tempo surgir, continuará rolando para o precipício de suas próprias invenções. Todos nós, pobres, ricos, negros, brancos, letrados ou não, somos um flocozinho de neve que também se desprende. Mas como? Não conseguimos resistir à força das ofertas pós-modernas e abrimos as portas de nossa vida, de nossa história, de nossa casa, da escola e de muitos outros ambientes. Sem mais podermos contrastar, quando percebemos, já estávamos envoltos na “brancura” do gelo que ao calor do sol foi derretendo. Com a metáfora da bola de neve, pode-se entender que algo semelhante sucedeu com a sociedade e é assim que agora nos encontramos: líquidos, derretidos. Há quem não perceba, mas os que já constataram o nosso estado entendem o que Saramago (1995) enfatiza no **Ensaio sobre a Cegueira** ao referir-se à “cegueira branca”. Essa expressão caracteriza o excesso de luzes, e nós, sujeitos “pós”, devemos entendê-la como um excesso sufocante de camufladas e novas possibilidades de sobrevivência, dentre elas o exagerado consumismo que se desenvolveu absurdamente nas últimas décadas e que assola todos com encantadoras propostas e facilidades, gerando inquietação nos que se deparam com elas, como também deixa suas marcas nos intitulos consumidores que são, ao mesmo tempo, os que não têm condições de oferecer sustento básico para sua família, boa formação escolar para os filhos e de participar de um programa de saúde que os ampare em suas indigências, sendo esta a grande maioria da população brasileira. Chegamos a um desequilíbrio e a ele estão associadas a imensa falta de consistência interior, citada por Fernandez (2002) e entendida por Bauman (2001) como liquidez, desenraizamento e falta de acolhimento do homem contemporâneo. Nota-se, desta forma, e é o que se vê em propagandas, jornais, filmes, novelas e na ficção atual que a tendência é nos tornarmos cada vez mais superficiais em nosso ser e agir, em nossas ideologias e relacionamentos. Estamos

conectados e desconectados ao mesmo tempo, a ponto de não tomarmos a sério os desafios e lutas da vida que deveriam nos tornar resistentes. Ao contrário do que deveria acontecer, eles nos fragilizaram e individualizaram, fizeram com que nos aliássemos às novas formas de conhecimento e amorismo, e, entretanto, não nos ajudaram a nos tornarmos mais felizes e bem-sucedidos.

Os que acreditam com Schollhammer (2011) que “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”, buscam estratégias que resistam à adversidade. Justamente por não se identificarem com o seu tempo e se sentirem em desconexão com o presente, criam um ângulo do qual é possível expressá-lo.

Em 1912, Kentenich, percebendo e analisando as novas tendências, sugere um programa de educação para os seus alunos no Colégio Pallottino, em Schoenstatt, como meio de resistir às correntes modernas, a fim de que eles e os demais educandos com os quais trabalharia não se tornassem escravos de suas conquistas, mas as dominassem.

Como professores, sabemos como são ideais os conhecimentos adquiridos na Academia e, por outro lado, como é desafiadora a realidade com a qual nos deparamos em sala de aula. Por isso, uma nova proposta educativa, a partir do que sugere o educador Kentenich, como conhecimento, pesquisa e conquista do microcosmo é o que nos deve impulsionar sempre mais para frente. A ciência nos oferece, continuamente, novos recursos para infinitas descobertas, porém o mundo sempre antigo e sempre novo, nosso próprio mundo interior, permanece ignorado e desconhecido.

Diante da análise sobre a realidade atual, Michèle Petit indica formas de resistir à adversidade e realiza pesquisas pertinentes à escrita, à leitura e ao lugar do leitor; testemunha sua impressão sobre adolescentes e jovens que narravam a importância da leitura em suas vidas, na construção ou reconstrução de si mesmos, em momentos extremamente difíceis. A pesquisadora investiga a arte de ler em contextos de crise e acentua que a leitura e a literatura têm uma capacidade muito grande de ajudar os que entram em contato com ela a opor-se à desventura. Suas experiências nesse campo foram muitas e servem-nos de apoio para ajudarmos nossos educandos, ou quem quer que seja, a construir sentido para suas vidas a partir da leitura, sobretudo da ficcional. Analisando os novos tempos, apenas numa perspectiva educacional, intui-se que é necessário um grande empreendimento para formar leitores, sendo que os primeiros a serem formados, despertados para as atividades com leitura, são os próprios agentes de ensino.

Com o propósito de entender o contexto sociocultural contemporâneo, é preciso, impreterivelmente, que um número significativo de pessoas se torne

leitoras e, conseqüentemente, intérpretes de seu mundo, a fim de suportarem o exílio de que cada vida é feita. Sendo os livros tão hospitaleiros como são, pode-se pensar os acontecimentos e resistir aos desafios, construir lares interiores, inventar um fio condutor para a própria história e reescrevê-la dia após dia, entendendo a leitura como um “ambiente” acolhedor do próprio “eu” que o torna independente das influências exteriores que tentam abalar a estrutura que cada ser humano é em sua integralidade e valores.

A LEITURA EM SEUS DISCURSOS

Considerando que cada leitura significa um novo aprendizado, assim como aplicava Kantenich (1974) com seus educandos: “Queremos aprender. Não somente vós, eu também” [...], pode-se entender que as inferências feitas pelo leitor, pelo professor ou pelo mediador compreendem um compromisso com a sociedade, porque é a partir dela que surgem os novos discursos.

Dentro do contexto pós-moderno, vê-se muitas das tantas transformações ocorridas no mundo em termos de pesquisa, economia, política e educação, para citar algumas. Também no que se refere à literatura houve transformações, e estas acompanham o curso da história, como menciona Anwandter (2004), ao assegurar que “os problemas da humanidade, das pessoas, das famílias, se refletem na literatura”. É o que se evidencia, por exemplo, na narrativa “eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffatto, que traduz no espaço de tempo de um dia, a vida da população de São Paulo e, com uma característica eminentemente onisciente, informa ao leitor o que se passa no cotidiano agitado dos que há muito deixaram de ser sólidos. As narrativas têm acompanhado a liquidez das histórias contadas por todos nós, cada um no seu palco, protagonista de sua biografia.

Nesta perspectiva de aceleração das transformações a que se refere Petit (2009), é que se insere o universo da leitura deixada de lado por inúmeras pessoas e que, hoje, aparece com uma nova face, de alguma forma resgatada por professores e mediadores, convictos de que é por meio dela que se pode chegar a um estado superior na educação.

A leitura em seus discursos propõe à sociedade uma adaptação às novas possibilidades leitoras, surgidas nas últimas décadas do século XX, sem, porém, exigir que ela abandone os recursos com os quais muitos aprenderam a ler e a escrever, já que as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) tornaram-se o objeto de trabalho e de estudo de muitos profissionais. Nativos digitais ou não, a realidade é que elas fazem parte do nosso cotidiano. As TICs

trouxeram muitos benefícios. Os avanços tecnológicos ocorrem velozmente e trazem consigo o grande desafio, eminentemente educacional, de aprendermos a lidar com eles sem nos perdermos neles, sem perdermos o equilíbrio mencionado por Fernandez (2002) e a sensibilidade que a leitura de uma boa ficção, no suporte livro, nos oportuniza. Compreendendo e considerando as prerrogativas das mídias digitais, havemos de nos apropriar dos recursos que elas oferecem para desenvolvermos as nossas habilidades físicas, intelectuais e emocionais em favor da educação e da formação de uma nova ordem social, uma vez que entendemos que as novas tecnologias abalaram essas habilidades estruturais e tornaram muitos de nós escravos de nossas conquistas. “Então teremos que (...) arrancar os trilhos! Não. Jamais consentiremos em tal atitude! (...) Nunca haveremos de agir desta forma. Por isso, avante!” (KENTENICH, 1912).

“É muito sugestivo que informação e leitura convivam” como enfatizam Lajolo e Zilberman (2009), porque o que as unifica é a ideia de que a informação está agregada a troca de mensagens, a linguagem e a interpretação, foco de interesse dessa pesquisa, já que uma boa interpretação supõe não apenas uma, mas diversas leituras, a fim de que o leitor ou interlocutor apreenda, dentro de um contexto básico, o que está implícito nos textos, nos acontecimentos, na música, na charge, na ficção, na novela, no filme e nos mais variados gêneros textuais.

As TICs apresentam ferramentas para o educando buscar novos recursos para o aprendizado, como é o caso da Educação a Distância e de experiências feitas por professores em salas de aula virtual usando o *Chat* como ferramenta interativa para a discussão de um determinado assunto.

Os Canais Educativos de TV e a TV Aberta auxiliam professores e alunos a manterem proximidade dos temas de seu interesse com um recurso audiovisual, com o qual o professor abrange o educando em sua totalidade, fazendo-o criar e recriar outras narrativas a partir das contadas nesses canais.

O uso dos jornais serve como ferramenta para os alunos conhecerem novos gêneros textuais e, ao mesmo tempo, terem contato com as mais variadas formas de escrita.

Os filmes estão muito associados a narrativas ficcionais, ajudam a construir sentido e a compreender as mesmas narrativas, quando escritas.

Ainda, para resumir a análise sobre alguns discursos, pode-se abordar uma ferramenta tecnológica que vem ganhando espaço também no Brasil: os *e-books*, livros digitais que podem ser lidos em suporte (equipamento) eletrônico, como computador, leitor de livros digitais e celulares, desde que comportem o recurso. Entendemos como Motta-Roth (2001) que “no contexto eletrônico há um

rompimento na verticalidade dessa relação [professor/aluno], na medida em que cada membro do grupo ocupa um lugar virtual e pode negociar sua participação de forma mais isonômica [...]” A linguista entende que no processo de ensino aprendizagem o “deslocamento do centro de atenção do professor para o grupo contribui para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do aluno” (MOTTA-ROTH, p. 24). Sua visão da relevância dessa autonomia do aluno coincide com a proposta de formar leitores, já que se conclui que o pensamento crítico, bem como a escrita só se formam a partir da leitura. De acordo com Masina (2005), “o principal ingrediente para o desenvolvimento da escrita é o exercício contínuo da leitura” (MASINA, 2005, p. 10).

UMA NOVA PERSPECTIVA

Há muitos discursos a serem considerados, porém, dentre eles, o que mais está em alta no país é o discurso digital, com as tecnologias de informação e comunicação. Um artigo baseado em informações, do Jornal O Estado de São Paulo, de 12 de agosto de 2012, veiculado em algumas revistas *on-line* divulga que o livro digital deve ganhar novo impulso no Brasil e afirma que grandes livrarias e editoras acreditam que os *e-books* ganharão espaço no mercado nacional em 2012 e 2013. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), há cerca de 10 mil títulos em formato digital no país. Desses, 5.235 foram lançados em 2011, conforme pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe/USP). Outro artigo mais recente, divulgado pela revista *on-line* Dom Total, por Vivian Pereira, salienta que o Brasil está à espera do desembarque da Amazon em território nacional e que a Livraria Saraiva, líder no setor de livrarias e maior vendedora de livros via internet do país, ingressou em 2010 com a venda de livros digitais e acredita ser esse seu maior negócio, justamente porque num período de 30 dias, setembro e outubro de 2012, a empresa vendeu 500 mil reais em livros digitais conforme divulga o presidente-executivo da Saraiva, Marcílio Pousada.

Considerando que a maior categoria da pós-modernidade é ser leitor, entende-se que esta é a habilidade que nos abre para o novo, para novos mundos e o que nos torna construtores de uma nova ordem social.

Em nossa trajetória acadêmica e já como educadores do novo homem, integrador e forjador desta nova ordem social, esperamos contra toda a esperança que a prática da leitura transforme muitas histórias, por vezes marcadas pela dor, em melodias a serem entoadas muitas e muitas vezes por seus compositores.

Assim, concordamos com Petit (2009) que “os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo a distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria (p. 33). Nessa perspectiva, podemos vislumbrar um quadro novo na história de tantas pessoas que ainda não conseguiram reconstruir sua vida, sua história, porque faltaram leituras de narrativas com as quais pudessem se identificar, como, por exemplo, “Flicts”, de Ziraldo (1987).

A fim de desenvolver habilidades leitoras no meio escolar, a Professora Doutora em Teoria Literária Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, da Universidade de Passo Fundo/RS, desenvolveu a Coleção Mundo da Leitura, com o propósito de suscitar o interesse dos leitores em formação pela leitura da música, da pintura, do teatro, da dança, da escultura, da arquitetura. Aponta para a necessidade de valorizarmos as manifestações da cultura popular, ampliando nosso conhecimento e nossa sensibilidade pela pluralidade de vozes em que se constitui a cultura em toda a sua complexidade e em toda a sua diversidade. A autora salienta que é preciso revigorar o interesse desses leitores e dos neoleitores, leitores da internet, apreciadores das ferramentas eletrônicas disponíveis na atualidade pelos avanços tecnológicos, por lendas, fábulas, mitos. E, ainda, que devemos apreciar os contextos com os quais estão envolvidos, os assuntos que os preocupam e os que propiciam construir sonhos, construir uma visão otimista para a vida com a finalidade de vencer os entraves que tentam impedir experiências vivenciais no contexto de um mundo melhor. Seus títulos que vão desde “Quem conta, encanta” (2010), para a Educação Infantil, ao “Miniconto, a leitura em cápsulas” (2010), para o Ensino Médio, abordam temas relevantes para o público ao qual são destinados, desenvolvendo práticas que os envolvem colaborativamente. Com esse leque de possibilidades, têm-se ferramentas que propiciam uma educação consciente para o exercício de uma cidadania responsável.

O processo de leitura em crianças, adolescentes e adultos dá-se de forma distinta, já que “a compreensão é um processo altamente subjetivo, pois cada leitor traz à tarefa sua carga experiencial que determinará uma leitura para cada leitor num mesmo momento e uma leitura diferente para o mesmo leitor, em momentos diversos” (KLEIMAN, 1989). Por isso, não é papel do professor ou mediador impor a sua leitura para o educando, mas auxiliá-lo a criar uma expectativa sempre nova quando inicia a leitura de um livro, de um conto, de uma crônica e de outros gêneros narrativos. A partir disso, o educando poderá ser despertado para perceber que, num texto, ele deve não apenas preencher os espaços em branco, mas também reconhecer se, no texto em questão, ele encontra a forma padrão da língua ou a variação vista hoje nas narrativas contemporâneas; se o texto remete para um determinado tempo

da história, ou se é uma narrativa aleatória, embora deva saber que nela, “as escolhas linguísticas do autor não são aleatórias, mas são aquelas que, na sua visão, melhor garantem a coerência de seu discurso” (KLEIMAN, 1989).

Para essa tarefa comprometedora, faz-se necessário que haja formação continuada de professores e mediadores de leitura a fim de que estejam aptos a lidar com um público não leitor e a orientá-lo em sua trajetória leitora. Compreende-se, portanto, que os professores devem ser leitores e guiar-se, por sua própria formação, como leitores de obras de referência das literaturas em língua portuguesa, selecionando aquelas cuja leitura deseja partilhar com os alunos.

Novas perspectivas surgem como novas estratégias que podem ser resumidas nos programas educativos e de formação de leitores propostos por José Kantenich, Michèle Petit e Tania Rösing (2010a, 2010b).

- Mediadores de leitura – como resistir à adversidade.
- Mundo da Leitura – a leitura em seus discursos.
- Autoeducação – uma nova perspectiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o advento das tecnologias de informação e comunicação, tornou-se muito fácil conhecer novos mundos, muitos ao mesmo tempo, e penetrar sempre mais na cultura dos *clicks* e dos *downloads* que nos possibilitam vislumbrar todas as belezas universais com pouco esforço. É toda essa facilidade, liquidez e velocidade que nos propõe a pós-modernidade, com seu discurso de leveza no ser e no agir, no viver, no desfrutar e principalmente no consumir. O que, porém, mais atinge a nossa vida é o consumismo desregrado, sem reflexão, movido pelo impulso e desejo imenso de possuir tudo o que os olhos veem e o bolso não pode suprir.

Enquanto gastamos tempo com a velocidade e a instantaneidade, ao considerarmos isso como empreendimento de supremo valor, a cultura decadente dos laços humanos no mundo fluido ganha espaço em nossa história, uma vez que se acredita que “na falta de segurança de longo prazo, a ‘satisfação instantânea’ parece uma estratégia razoável” (BAUMAN, 2001). Hoje não se fala mais de indissolubilidade dos compromissos. É mais comum ouvirmos frases do tipo “enquanto durar a satisfação”, porque parece ser mais fácil romper com os compromissos, sejam eles quais forem, do que investir na solidez do mesmos, ao

analisar a fragilidade da natureza. Isso significa dizer que há tendência natural a viver o momento e não a pensar nas consequências deste momento; a não planejar a vida de acordo com os anseios implícitos na própria natureza, entendendo que como seres humanos não somos peças descartáveis ou sobressalentes que podem ser substituídas, se causarem algum prejuízo. Com isso, quer-se abranger não só a célula-mãe da humanidade - a família -, mas toda a sociedade e o sistema educacional.

Nesse caso, quando pensarmos em “ler” as situações depois de determinadas ocorrências, poderão não ser tão agradáveis as nossas constatações, assim como atualmente nos interrogamos, “onde vai parar o mundo se continuar como está?”

Para revertermos esse quadro, existe uma ferramenta chamada **leitura**, aqui abordada, que corre a nosso favor e nos auxilia na interpretação das correntes pós-modernas que batem à nossa porta e para as quais permitimos entrada franca.

Autores como José Kantenich, Michèle Petit e Zygmunt Bauman enfatizam que como estamos não podemos continuar e dão-nos orientações seguras e recursos com os quais podemos nortear nosso trabalho socioeducativo. Para estes tempos, como um sistema de educação enfraquecido pelas correntes pós-modernas, é necessário um novo estilo educacional que abranja o ser humano em sua totalidade e trabalhe a favor de sua integralidade, como também da harmonia de suas faculdades emocionais, físicas e psicológicas. Para tanto, faz-se necessário esforço e cumplicidade com o projeto leitura, no qual todos queremos ingressar, a fim de entendermos a nossa própria história, reconstruindo-a com novas perspectivas.

Já que estamos totalmente inseridos na era dos *clicks* e dos *downloads*, o primeiro desafio que precisamos transpor, com o apoio da família e da escola, é o de aprendermos a usar as tecnologias de informação e comunicação a serviço da educação das habilidades humanas para a sociabilidade.

Considerando que os recursos que a tecnologia oferece favorecem muito o cultivo da virtualidade, entende-se que essa, associada aos relacionamentos, é, certamente, o maior desafio para a educação no século XXI, já que o espírito pós-moderno que caracteriza a sociedade contemporânea é o da liberdade entendida como libertação dos vínculos, dos compromissos duradouros, liberdade para viver o momento, sem necessidade de projetos ou memórias. Assim, tudo se torna muito mais frágil e solúvel em nossa vida. Basta clicar!

Todos os autores citados nessa pesquisa bibliográfica abordam assuntos pertinentes à situação na qual nos vemos envolvidos. Seria necessário um longo empreendimento para ler, compreender, discutir o pensar de cada um deles. Porém, a abordagem feita aqui, embora ainda simples em inferências, quer contribuir para a formação do leitor crítico,

baseado em valores éticos e morais; um leitor que seja capaz de refletir sobre as adversidades da vida e busque, incansavelmente, novos discursos, novas perspectivas a fim de que se torne, ele próprio, escritor de outras narrativas na família, na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANWANDTER, Humberto. **El P. José Kentenich y el nuevo orden social**. Santiago: Editorial Patris, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BECK, Ulrich. **World risk society**. Cambridge: Polity Press, 1999.

BRASIL. **Orientações para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**: Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. 2ª ed. Perspectiva: São Paulo, 2004.

FERNANDEZ, Rafael. **Desafios do nosso tempo**. Lisboa: Ed. Patris, 2002.

KENTENICH, José. **Documentos de Schoenstatt**. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1974.

KLEIMAN, Angela. **Leitura, ensino e pesquisa**. São Paulo: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

_____; ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

MASINA, Léa. **A leitura partilhada**. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2005.

MOTTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do *chat* no ensino de inglês para formandos de Letras. In. PAIVA; V. L. M. (Org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG. 2001.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. **Quem conta encanta: educação infantil**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010a.

_____. **Miniconto: a literatura em cápsula: ensino médio**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010b.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHLICKMANN, Dorothea M. **Herbststürme 1912: Eine Revolution im Innern beginnt ...** Vallendar: Schönstatt-Verlag, 2012.

SCHOLLAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZIRALDO. **Flicts**. 15ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1987.

Sites consultados:

<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletim-educacao/2012/03/30/brasil-tem-hoje-menos-leitores-em-2007/>. Acesso em: 4 de jun. 2012.

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>. Acesso em: 16 de out. 2012.

http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf. Acesso em: 16 de out. 2012.

<http://www.estadao.com.br/>. Acesso em: 2 de nov. 2012.

<http://www.domtotal.com/noticias/522890>. Acesso em: 6 de nov. 2012.

<http://educa-ead.blogspot.com.br/>. Acesso em: 7 de nov. 2012.